

EUA fazem jogo duplo em Durban

*Conferência segue,
apesar das defecções.
Americanos mantêm
observadores*

JOSE MARIA MAYRINK
Enviado especial

DURBAN – A retirada das delegações dos Estados Unidos e de Israel abalou a Conferência Mundial contra o Racismo, mas os representantes dos outros países recobraram o ânimo, depois que a presidente da reunião, Nkosazana Dlamini Zuma, ministra do Exterior da África do Sul, fez um apelo para que os trabalhos fossem levados adiante. A ministra criou uma comissão de cinco membros para estudar os problemas do Oriente Médio, a questão mais complexa em discussão.

A ausência da representação de Washington pesa muito, porque os Estados Unidos contri-

buem com cerca de 20% dos recursos da ONU. Teme-se que o governo americano venha pôr obstáculos à destinação de fundos da organização para o financiamento do programa de ação, sob a alegação de que não vai dar dinheiro para o que não aprovou.

A preocupação maior, no entanto, era o receio de que o Canadá, a Austrália e os principais países europeus também se retirassesem de Durban. Como isso não ocorreu, os grupos de trabalho voltaram a reunir-se com mais tranquilidade ontem à tarde. Num dos debates, a delegação da União Européia levantou-se das cadeiras e ameaçou ir embora, ao discordar de uma votação sobre a reparação devida pelos países colonizadores.

Ao lado do problema do Oriente Médio, as questões da compensação e da definição da lista de vítimas de racismo e discriminação são os pontos mais delicados da conferência. Os eu-



Policiais acompanham protesto contra o racismo em Durban

ropeus resistem a assumir compromissos que os obriguem a indenizar os herdeiros de seus colonizados, enquanto delegados de vários países, independentemente da geografia, discordam sobre a lista de vítimas, especialmente quando se fala de direito a orientação sexual.

“Os resultados desta confe-

rencia vão ser pífios, por culpa dos Estados Unidos e dos países da Europa”, prevê o professor Paulo Sérgio Pinheiro, da Universidade de São Paulo, que veio à África do Sul como especialista da Comissão de Direitos Humanos da ONU. Em sua avaliação, os Estados Unidos fazem jogo duplo, porque retiraram a

delegação de Washington, mas mantiveram uma pequena equipe de diplomatas subalternos na reunião – o que permitiria aceitar ou rejeitar as resoluções, de acordo com a conveniência.

Pinheiro acha que, sob a liderança dos Estados Unidos, os países ocidentais estão agindo como no tempo da Guerra Fria. “Os protagonistas dessa guerra são os países ocidentais e as ditaduras árabes que transformaram Durban num fórum sobre a questão do Oriente Médio, em torno de acusações antisemitas e antisionistas contra Israel.” O professor da USP disse que, embora seja a favor dos palestinos, não pode concordar que a conferência se transforme num palco de discussão sobre essa questão.

Ele reclamou da participação dos demais países latinos. “Com exceção do Brasil, os latinos não têm a menor importância na reunião, pois participam da discussão como se o problema não fosse com eles.”